

PRODUÇÃO MATERIAL DE EXISTÊNCIA DE RIBEIRINHOS QUE VIVEM PRÓXIMO A ÁREAS URBANAS

MATERIAL PRODUCTION OF EXISTENCE OF RIBEIRINHOS THAT LIVE NEAR URBAN AREAS

José Bittencourt da **SILVA**¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Cledinei Oliveira da **SILVA**²
Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-PA)

Márcio Fernando Duarte **PINHEIRO**³
Prefeitura Municipal de Tracuateua-PA

Raimundo Nonato Leite de **OLIVEIRA**⁴
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Objetiva-se no presente trabalho descrever de maneira analítica o modo como uma comunidade ribeirinha produz e, ao mesmo tempo, reproduz as condições de produção da sua vida material. O texto baseia-se em pesquisa de campo exploratória do tipo Survey, com observações “in loco”, entrevistas não diretas e registros fotográficos. Conclui-se que a realidade das famílias ribeirinhas se caracteriza pela multiplicidade de atividades laborais e pela racionalidade característica dos processos de produção e reprodução de base familiar. Certamente essa dinâmica se reproduz em outros territórios ribeirinhos. O que se segue são discussões propostas a partir dos objetivos traçados.

Palavras-chave: Comunidade ribeirinha. Reprodução das condições de produção. Produção de base familiar.

Abstract: *The objective of this article is to describe in an analytical way, how a river community near of Belém city, produces and reproduces the conditions of their material life production. The text is based on exploratory field research, known as Survey type, with “in situ” observations, non-directive interviews and photographic records. In conclusion, the reality of the local riverside families is characterized by the multiplicity of laboral activities and the typical rationality of familiar base production and reproduction processes. Certainly, this socioeconomic dynamic is reproduced in other riverine territories in the Amazon. What follows are discussions proposed from previous objectives.*

Keywords: *River communities. Material production of existence. Familiar base production.*

¹ Sociólogo e Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará, atuando na graduação (Faculdade de Educação – FAED). Pós-graduado em Currículo e Gestão pela Escola Básica – PPEB Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica – NEB. E-mail: josebittencourtsilva@gmail.com

² Pedagoga, especialista em Psicomotricidade e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica – NEB/UFPA, pela Universidade Federal do Pará. E-mail: cledineioliveira@gmail.com

³ Pedagogo, especialista em Educação Ambiental e mestrando em Currículo e Gestão da Escola Básica – NEB/UFPA, pela Universidade Federal do Pará. E-mail: Marcioduarte101@hotmail.com

⁴ Pedagogo, especialista em Educação, professor do Instituto de Ciências e Educação e mestrando em Currículo e Gestão da Escola Básica – NEB/UFPA, pela Universidade Federal do Pará. E-mail: leitestm@yahoo.com.br

1 Introdução

Não há existência material humana sem a permanente garantia de reprodução de suas condições de produção. Estas devem ser garantidas ao mesmo tempo em que o processo produtivo se realiza. “Como Marx dizia, até uma criança sabe que se uma formação social não reproduz as condições da produção ao mesmo tempo que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja” (ALTHUSSER, 1983, p. 9). Objetiva-se, neste texto, expor e descrever, de maneira analítica, o modo como uma comunidade ribeirinha, próxima à cidade de Belém, produz e, ao mesmo tempo, reproduz as condições de produção da sua vida material.

Neste contexto, foram observadas as atividades de produção de alimentos derivados da mandioca (farinha, tucupi, tapioca, croeira e outros), dos quintais com suas árvores frutíferas (mamoeiros, cupuaçuzeiros, mangueiras e outras), dos pequenos animais (patos, galinhas e porcos), das ervas aromáticas, medicinais e condimentares (catinga-de-mulata, erva-cidreira, capim-santo etc.), do plantio de pripioca (*Cyperus articulatus*) e da pataqueira (*Schizolobium parahyba*) para a venda e produção de perfumes pela empresa Natura, do potencial turístico da área e da culinária local.

O texto está dividido da seguinte maneira: além desta introdução, tem-se uma exposição dos materiais e método da pesquisa de campo realizada a partir da ideia de pesquisa exploratória do tipo *Survey*. Posteriormente, apresentam-se algumas considerações teóricas acerca do conceito de reprodução simples em Marx e Engels (2013). Em seguida, faz-se uma caracterização do local enfocando a comunidade Boa Vista do Acará. Depois são apresentadas de maneira expositiva e descritiva as formas de produção e reprodução das condições de produção da vida material de uma família local tomada como referência para a efetivação do trabalho de campo. Ao final, têm-se as notas conclusivas fechando o texto e as referências dos autores utilizados como ferramenta teórica para as observações *in loco*. O que se segue são as discussões propostas a partir dos objetivos traçados previamente.

2 Materiais e métodos

O presente texto resulta de atividade de natureza exploratória de campo do tipo *Survey*, este entendido como uma “[...] pesquisa que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas” (SANTOS, 1999 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39). Essa atividade foi realizada com alunos de pós-graduação ao nível de mestrado, no contexto da disciplina Métodos Qualitativos, pertencente ao Programa de

Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica (PPEB/NEB/UFPA).

A investigação pretendeu recolher informações empíricas quanto ao modo de vida comunitário dos ribeirinhos da comunidade Boa Vista do Acará, localizada às proximidades do núcleo urbano de Belém, município sede do Estado do Pará. A questão proposta pretendeu entender como as famílias locais produziam a sua própria existência, ao mesmo tempo que reproduziam as condições dessa produção para continuarem produzindo e existindo na comunidade.

O *survey* foi realizado coletivamente por meio de observações *in loco*, entrevistas não-diretivas e registros fotográficos⁵. Dessa experiência resultou um relatório, e seu conteúdo foi aproveitado na construção deste *paper*. Nessa perspectiva, seguiu-se o *approach* antropológico proposto por Roberto Cardoso de Oliveira, em que o autor aborda aspectos relevantes acerca do momento em que o pesquisador está em campo (*being there*), mostrando que sua prática estará inescapavelmente treinada pela disciplina, ou pela teoria domesticadora do seu olhar e ouvir, que captura informações objetivas e subjetivas, as quais serão organizadas e trabalhadas no momento do gabinete e das determinações acadêmicas (*being here*) (OLIVEIRA, 2000).

Foram observadas *in loco* o processo de produção da farinha de mandioca e seus derivados, a utilização de instrumentos de trabalho, a vida cotidiana dos moradores e seus quintais. Foi também objeto de observação a atual associação de produtores de insumos para a empresa Natura e, nesse contexto, realizaram-se duas entrevistas com moradores da comunidade. Posteriormente, foram feitas caminhadas em trilhas e vivências na área de mata local para observar melhor o seu potencial turístico. As informações foram anotadas em caderno de campo e em aparelhos de gravação de imagem e som.

3 Considerações teóricas

O processo de reprodução da vida material condiciona o formato orgânico de cada sociedade. O modo como a produção e a reprodução das condições de produção são implementadas determina a estratificação social, a forma jurídico-política do Estado, os modos dominantes de pensamento e as ideologias legitimadoras do *status quo* vigente.

⁵ O fotografar durante o trabalho de campo, na perspectiva de Edwards (1997), tornou-se importantíssimo, não apenas pela produção em si de imagens, mas pela contribuição que elas oferecem à problemática que se desejou apresentar e responder.

A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual (MARX, 2008, p. 47).

Por isso, o modo de produção e reprodução das condições de produção baseadas no capital estrutura ou organiza a formação social própria do capitalismo.

Por outro lado, a condição *sine qua non* para a permanência duradoura no tempo de uma determinada coletividade pressupõe que ela consiga reproduzir suas próprias condições de produção, durante o processo produtivo, para que continue produzindo e existindo.

[...] Assim como uma sociedade não pode deixar de consumir, tampouco pode deixar de produzir. Portanto, considerado do ponto de vista de uma interdependência contínua e do fluxo contínuo de sua renovação, todo processo social de produção é simultaneamente processo de reprodução. As condições da produção são, ao mesmo tempo, as condições da reprodução. Nenhuma sociedade pode produzir continuamente, isto é, reproduzir, sem reconverter continuamente uma parte de seus produtos em meios de produção ou elementos da nova produção. Mantendo-se iguais as demais circunstâncias, essa sociedade só pode reproduzir ou conservar sua riqueza na mesma escala se substitui os meios de produção *in natura* – isto é, os meios de trabalho, matérias-primas e matérias auxiliares consumidos, por exemplo, durante um ano – por uma quantidade igual de exemplares novos, separados da massa anual de produtos e incorporados novamente ao processo de produção. Uma quantidade determinada do produto anual pertence, pois, à produção (MARX; ENGELS, 2013, p. 781).

Para Marx e Engels (2013, p. 782), quando uma parte do resultado da produção é consumida pelos próprios produtores continuamente durante o ano todo e, mesmo havendo um excedente e este sendo vendido para obtenção de renda incorporada à produção e ao consumo, fica caracterizada a chamada reprodução simples. Precisamente, se a renda resultante do trabalho dos membros da coletividade servir

[...] apenas como fundo de consumo ou é gasta com a mesma periodicidade com que é obtida, então ocorre, permanecendo iguais as demais circunstâncias, a reprodução simples. Ora, embora esta não seja mais do que a repetição do processo de produção na mesma escala, essa mera repetição ou continuidade imprime ao processo certas características novas ou, antes, dissolve as características aparentes que ele ostentava quando transcorria de maneira isolada (MARX; ENGELS, 2013, p. 781).

Esse modo de produção e reprodução das condições de produção apresentado por Marx e Engels (2013) como reprodução simples, que Althusser (1983) observou como aquela que reproduz tão somente as condições da produção anterior, constitui-se em uma das

principais características da condição existencial de vida dos ribeirinhos na Amazônia. Silva, Santos e Souza (2016, p. 8) apontaram essa característica ribeirinha, mas também ampliam um pouco mais esse debate conceitual, mostrando que

O trabalho dos ribeirinhos se realiza com base na economia de subsistência [reprodução simples], em que a relação com o rio, a terra firme e a floresta caracteriza essas populações como essencialmente pluriprodutoras. Precisamente, os ribeirinhos podem ser observados como pescadores, extrativistas, agricultores e artesãos. Conhecem as marés, fazem embarcações e artefatos de pesca e armazenamento de pescados e frutos da floresta, além de serem portadores de saberes fitoterápicos que ajudam na profilaxia e na cura de doenças que podem acometer os membros da comunidade.

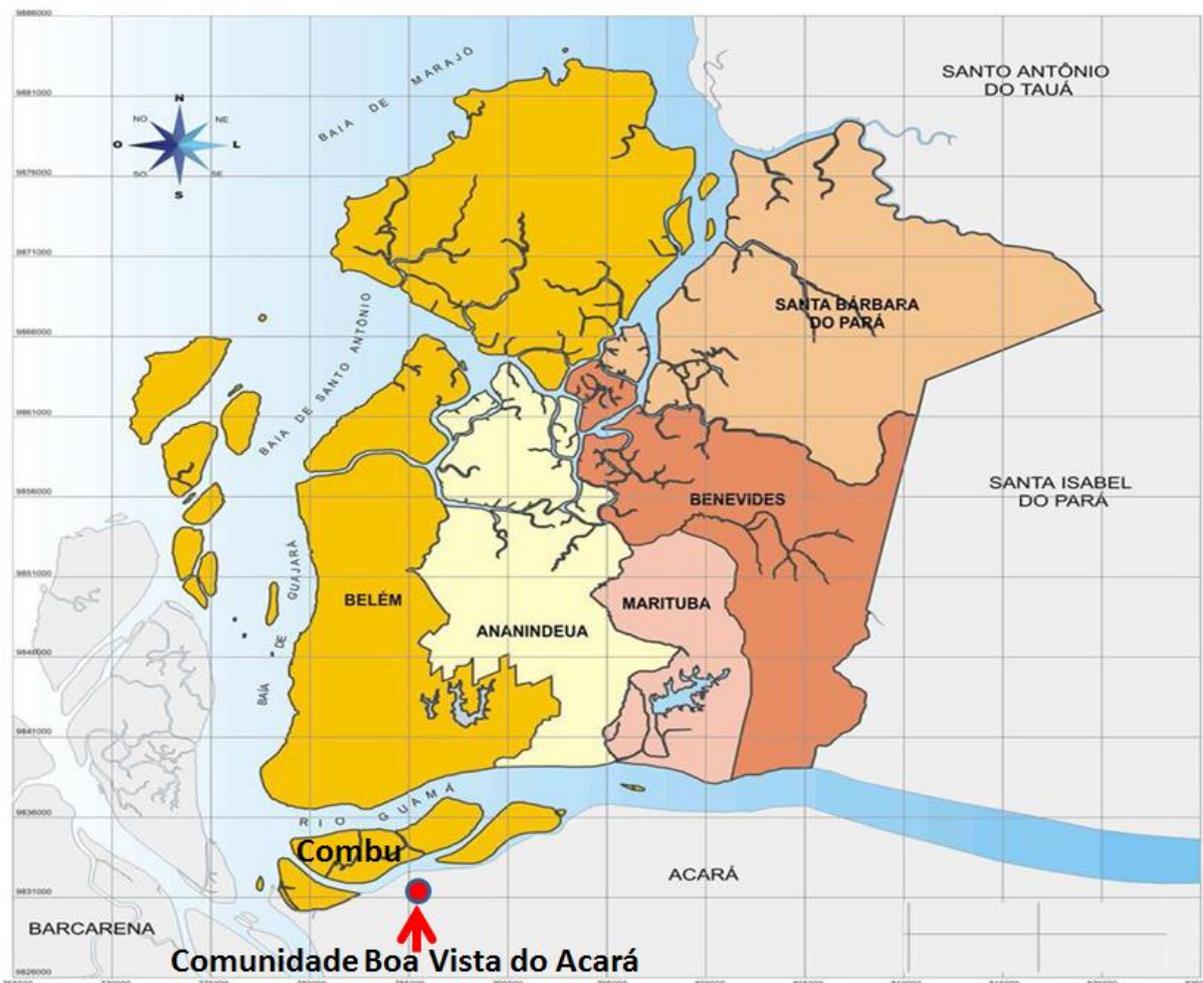
Marx e Engels (2013) apontaram que a produção capitalista inflige à sociedade uma forma capitalista de reprodução das condições de produção. Em contrapartida, as comunidades ribeirinhas determinam formas próprias cotidianas de reprodução de suas condições de produção. Ao invés de possuírem uma reprodução baseada na racionalidade capitalista da lucratividade e acúmulo de riqueza, os ribeirinhos constituem-se em um grupo social que se “desenvolve em uma lógica biológica (com a ingestão de alimentos), produtiva (com o trabalho, entendido de maneira geral) e/ou cultural (com seus mitos, tradições, hábitos e costumes)” (OLIVEIRA NETO; RODRIGUES, 2008, p. 27).

Como assinalaram Silva, Santos e Souza (2016), a comunidade, enquanto espaço de identidade e reconhecimento mútuo entre moradores, representa o ambiente de vida, uma referência importante para o ribeirinho, pois é nela que se configura sua territorialidade que, em geral, é herdada de seus antepassados, fato esse que produz no sujeito uma relação histórico-afetiva com a terra. Em síntese, além de ser esse local onde está situada a casa, o quintal, o seu trabalho etc., a comunidade tem um significado profundo de continuidade familiar, com um grande valor afetivo. Ao produzir sua existência, o ribeirinho reproduz suas condições de produção material e simbólica na comunidade.

4 Caracterização do local: a comunidade Boa Vista do Acará

A comunidade Boa Vista do Acará fica situada no município de Acará, na fronteira com o município de Belém, às proximidades da Ilha do Combu (mapa 1). O acesso pode ser feito por terra, usando como rota a Alça Viária até a estrada de chão batido no quilômetro 24. A comunidade também pode ser acessada por via fluvial, saindo em pequenas embarcações de portos localizados no rio Guamá, às proximidades da Universidade Federal do Pará, atravessando o rio Guarapiranga, em uma viagem de aproximadamente 10 minutos.

Mapa 1 – Região metropolitana de Belém: localização do município de Acará e da comunidade de Boa Vista ao Sul



Fonte: Construído pelos autores a partir de Silva, Santos e Souza (2016).

Na comunidade vivem aproximadamente 150 famílias que têm como subsistência a produção de farinha e derivados da mandioca, o cultivo da pirioca, capitiú e pataqueira com produção vendida para a empresa Natura, o extrativismo do açaí, bacaba, cupuaçu, uxi, pupunha, entre outros. Há também moradores que complementam a renda familiar prestando serviços como barqueiros, mototaxistas e outros.

Existem localmente escolas públicas que funcionam até o ensino médio por meio do sistema modular. Há também uma delegacia, um posto de saúde, igrejas evangélica e católica, sedes de associações esportivas, produtivas e de moradores. A vida na comunidade ainda é muito tranquila em relação à violência física. O território constitutivo da comunidade apresenta características naturais importantes com um forte potencial para o chamado turismo ecológico. São áreas de floresta com árvores frutíferas, pássaros diversos, igarapés e plantas medicinais.

As festas tradicionais religiosas são emblemáticas na comunidade, como por exemplo, o Círio de Santa Maria, padroeira da comunidade, que acontece a mais de 100 anos no último domingo do mês de maio. O festejo apresenta um lado religioso e um profano, ambos de grande importância para a identidade local. Durante o mês de maio, acontecem as novenas nas casas

das famílias, e, às vésperas do festejo, tem levantamento de mastros, brincadeiras variadas e transladação à noite. (Entrevista realizada com Suelen Siqueira Vilhena, pedagoga, 33 anos de idade, moradora da comunidade Boa Vista do Acará, 2018).

Essa manifestação profana e religiosa atrai pessoas de comunidades vizinhas e alhures. Isso pode ser observado *in loco*, pois a movimentação que estava ocorrendo para os preparativos do festejo estava mudando sobremaneira a realidade local. Estavam sendo feitos os preparativos para as competições esportivas, as festas dançantes com as chamadas aparelhagens, as brincadeiras carnavalescas, o bingo de boi, sábado de aleluia, forrozão, dentre outras (Observação *in loco*).

5 Produção e reprodução da vida material na comunidade Boa Vista do Acará

A dinâmica socioeconômica de produção e reprodução das condições de produção dos moradores da comunidade Boa Vista do Acará se faz e se refaz de maneira complexa e diversificada. Localmente, domina o processo de reprodução simples, com características peculiares às chamadas comunidades amazônicas. Lá predominam a agricultura familiar, a pesca de subsistência, os quintais com árvores frutíferas e a criação de pequenos animais, o extrativismo principalmente do açaí e, mais recentemente, o turismo e a produção de ervas aromáticas vendidas à empresa Natura.

Nesse contexto, é importante registrar que a própria floresta e o conhecimento tradicional, passado de geração a geração, constituem-se na base essencial da reprodução das condições de produção da comunidade Boa Vista do Acará, fortemente marcada por uma racionalidade característica dos processos de produção de base familiar, contrário à lógica das empresas capitalistas que são “compulsadas a contínuos investimentos e, com eles, à incorporação dos avanços da ciência através de adoção de novas técnicas” (COSTA, 1994, p. 6).

Na agricultura familiar da comunidade Boa Vista do Acará, observa-se a predominância da produção da farinha de mandioca. O processo é muito simples e feito com mão de obra doméstica. As lavouras são costumeiramente realizadas com base na tradicional forma de corte e queima da mata secundária, também denominada coivara, em que os resíduos da queimada são aproveitados como fertilizante natural da terra para a plantação. Tudo é feito manualmente. Abre-se a capoeira, planta-se a mandioca, retiram-se os tubérculos, os quais são descascados, colocados para pubar, prensados, peneirados e torrados em uma chapa de cobre debaixo de um casebre, construído próximo às moradias da comunidade.

Pretende-se com as figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6 retratar um pouco da ambiência do processo produtivo peculiar ao barraco de torra da farinha. Pode-se destacar na rústica cabana o trabalhador com o rodo de madeira mexendo o produto, o forno, a fornalha, o fogo e a lenha, além de alguns outros derivados da mandioca, como a crueira e o tucupi.

Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6 – Produção de farinha e derivados da mandioca



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Nas figuras 7, 8 e 9, abaixo, têm-se especificados alguns utensílios necessários à cadeia produtiva da farinha, tais como o rodo, o tacho de ferro utilizado na torragem e a vassoura para a feitura da farinha de tapioca, que também serve para a assepsia da chapa.

Figuras 7, 8 e 9 – Utensílios necessários à produção da farinha



Fonte: Arquivo do *survey* da disciplina Métodos Qualitativos, 2018.

5.1 Os quintais como componente de reprodução da vida material

Conceitualmente, os quintais ribeirinhos podem ser caracterizados como parte do ambiente doméstico, relativamente delimitado, caracterizado como área de manejo de baixo impacto na terra, onde se faz presente o uso da força de trabalho familiar, mormente de mulheres. Nos quintais, efetivam-se formas tradicionais de cultivo de plantas aromáticas, medicinais, condimentares e árvores frutíferas, bem como abrigam a criação de animais de pequeno porte, podendo inclusive haver a convivência com espécies vegetais e animais silvestres. Por haver certa simbiose entre as plantas e animais domesticados e a realidade das florestas, há autores, como Rosa (2007), que classificam esses quintais como agroflorestais.

Na comunidade Boa Vista do Acará, os quintais configuram-se como componente importante no processo de reprodução familiar, uma vez que fornecem frutos, legumes, ervas medicinais e proteína animal. Em geral, esses quintais são manejados sem insumos agrícolas ou qualquer tipo de agroquímico para combater pragas ou ervas daninhas. A mão de obra é toda familiar e as mulheres são as principais responsáveis pela organização e cuidado desses espaços.

Para efeito de exposição da diversidade de plantas e compreensão da importância dos quintais na comunidade Boa Vista do Acará, tem-se a seguir um quadro com as espécies vegetais frutíferas mais frequentemente observadas no local, as quais fazem parte da dieta alimentar dos ribeirinhos e contribuem sobremaneira com ingestão de nutrientes. Mais à frente, nas figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15, pode-se observar imagens fotográficas dessa realidade florística, assim como de alguns pequenos animais, que também são consumidos na comunidade e compõem o consumo de proteína animal.

Quadro 1 – Espécies observadas com maior frequência nos quintais da comunidade Boa Vista do Acará

Ordem	Nome popular	Nome científico
1	Abacate	<i>Persea americana</i>
2	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>
3	Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>
4	Acerola	<i>Malpighia glabra</i>
5	Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>
6	Banana	<i>Musa sp. Musaceae</i>
7	Cacau	<i>Theobroma cacao</i>
8	Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
9	Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>
10	Coco	<i>Cocos nucifera</i>
11	Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>
12	Ingá-cipó	<i>Ingá edulis</i>
13	Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i>
14	Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>
15	Laranja	<i>Citrus sp.</i>
16	Limão	<i>Citrus sp.</i>
17	Mamão	<i>Carica papaya</i>
18	Manga	<i>Mangifera indica</i>
19	Muici	<i>Byrsonima crassifolia</i>
20	Pimenta-de-cheiro	<i>Capsicum chinense</i>
21	Pupuna	<i>Guilielma gasipaes</i>
22	Tapereba	<i>Spondias mombim</i>
23	Urucum	<i>Bixa orellana</i>

Fonte: Arquivo do *survey* da disciplina Métodos Qualitativos, 2018.

Figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15 – Imagens que denotam um pouco da realidade vegetal e animal dos quintais na comunidade Boa Vista do Acará



Fonte: Arquivo do *survey* da disciplina Métodos Qualitativos, 2018.

6 Turismo: uma possibilidade de renda para os moradores da comunidade

Interagir com a diversidade da flora e da fauna, caminhar à sombra de árvores frutíferas e quintais produtivos, ouvir o som da natureza, experimentar os sabores da Amazônia e a culinária ribeirinha, assistir às práticas tradicionais de produção econômica, testemunhar a organização coletiva daqueles que tiram seu sustento da natureza, usufruir das belezas naturais e mergulhar em águas cristalinas é um privilégio de quem se dispõe a explorar o potencial turístico da comunidade Boa Vista do Acará.

De fato, essa pequena comunidade Boa Vista do Acará é um convite para quem busca o contato com a natureza e, por sua proximidade com o núcleo urbano de Belém, atrai turistas principalmente aos feriados e finais de semana. Apesar da prática de algumas atividades que comprometem a preservação da fauna e flora, os moradores ainda mantêm uma significativa

reserva natural, o que permite longas caminhadas em trilhas às sombras das árvores, desfrutando de uma “orquestra” produzida pelas aves que compõem a fauna da localidade.

Em um momento em que tanto se fala em sustentabilidade, ecologia, preservação do meio ambiente etc., os moradores da comunidade Boa Vista do Acará mostram na prática o que é realmente isso. A maneira como as famílias preservam e enriquecem a flora e fauna às proximidades de suas casas, realizando suas construções em harmonia com a natureza, mantendo por perto os animais, principalmente as inúmeras espécies de pássaros facilmente vistos nos pequenos bosques ao redor das residências, mostra aos visitantes a possibilidade de ocupar espaços sem modificar abruptamente a dinâmica dos ecossistemas naturais.

Outro atrativo que compõe o potencial turístico da comunidade Boa Vista do Acará é a diversidade frutífera e a culinária local. As frutas em sua maioria são nativas da região, como açaí, bacaba, cupuaçu, bacuri, uxi, pupunha, dentre outras espécies cultivadas pelos moradores nos próprios quintais formando uma espécie de “quintal agroflorestal”, por consociarem espécies diferentes em um mesmo espaço, como o abacaxi, mamão, acerola. Além das frutas, tem-se no local uma culinária caseira muito apreciada. Peixe frito, feijoada, arroz branco, farofa, macaxeira frita e sucos naturais vêm atraindo excursionistas e caminhantes de vários lugares, contribuindo positivamente com a economia das famílias da comunidade.

Um aspecto a ser ressaltado é a possibilidade de o turista presenciar a produção da farinha de mandioca, farinha de tapioca, beiju (iguaria de origem indígena feita da mandioca) e a tradicional extração do tucupi. Essas atividades têm um significado para além da mera produção, pois traduzem a forma como os sujeitos se relacionam e conduzem a dinâmica social da comunidade, revelando como eles produzem e concomitantemente reproduzem as condições e relação material de suas vidas ao longo da história na comunidade.

Através da interação com os sujeitos produtores e reprodutores de suas condições de vida, é possível perceber como, ao longo dos anos, essas atividades foram se estabelecendo e se materializando enquanto prática sociocultural, assim como sua importância para manutenção dos costumes e dinâmica da comunidade, apesar da diminuição dessa atividade em virtude do desenvolvimento de outras modalidades econômicas, como o cultivo da pirioca e da pataqueira. Importante ressaltar que a produção dos derivados da mandioca também pode ser adquirida pelos visitantes, potencializando a economia e valorizando a cultura local.

Além da atividade tradicional de produção dos derivados da mandioca, os turistas podem conhecer também outra forma de organização econômica dos moradores. Essa

alternativa de produção, de trabalho e renda se faz por meio da cooperativa que cultiva a pripioca e pataqueira. Ressalte-se que a cooperativa nos mostra que é possível tratar o trabalho, a economia e o desenvolvimento local de maneira coletiva e organizada, afastando-nos do individualismo e da exploração da mão de obra em prol de um interesse particular.

Dentre os atrativos turísticos, os igarapés são um dos mais procurados e visitados pelos turistas que fogem da dinâmica agitada da capital paraense. Os igarapés cortam a geografia da comunidade formando vários balneários que oferecem lazer e tranquilidade aos visitantes. Em sua maioria são igarapés de águas geladas e transparentes que também proporcionam aos moradores da localidade uma possibilidade de fonte de renda considerável.

Em suma, o potencial turístico da comunidade é realmente abundante e vai para além de um lazer imediatista, pois possibilita ao turista, que visita a comunidade, mergulhar na dinâmica da vida dos sujeitos que vivem naquele espaço, compreendendo como são construídas as relações sociais e culturais que os caracterizam, enquanto sujeitos que buscam o desenvolvimento coletivo e o fortalecimento de suas raízes, enquanto homens e mulheres ribeirinhos que retiram da natureza seu sustento, buscando a preservação da flora, da fauna e dos espaços que compõem a comunidade ribeirinha de Boa Vista do Acará.

A seguir têm-se algumas imagens que podem contribuir com as argumentações sobre o turismo na comunidade. Nas figuras 16, 17, 18 e 19 são observadas trilhas, a culinária local e o aprazível banho de igarapé.

Figuras 16, 17, 18 e 19 – Imagens representando um pouco da realidade turística na comunidade Boa Vista do Acará



Fonte: Arquivo do *survey* da disciplina Métodos Qualitativos, 2018.

7 Produção de ervas na comunidade e sua relação com o capital

A proximidade da comunidade à região metropolitana de Belém, ou propriamente ao núcleo urbano da cidade, agrega mais um elemento à complexa dinâmica socioeconômica dos moradores. Precisamente, é em Belém, e região circunvizinha, que membros das famílias da comunidade Boa Vista do Acará podem continuar seus estudos, fazer cursos profissionalizantes, cursar o nível superior de ensino, conseguir trabalho para complementar a renda familiar, vender produtos agrícolas ou extrativistas, acessar mercadorias industrializadas ou contactar pessoas potencialmente susceptíveis a pequenas transações comerciais, ou mesmo para apresentar uma alternativa de turismo às classes médias locais.

A comunidade Boa Vista do Acará é conhecida também pelo cultivo de ervas, comercializadas em vários lugares de Belém, em particular no mercado Ver-o-Peso, localizado às margens da baía do Guajará, região da cidade histórica. Nessa feira, são vendidas plantas aromáticas usadas no preparo dos chamados “banhos de cheiro”, produto do processo de mistura das ervas que são maceradas e colocadas em infusão na água para liberarem seus óleos essenciais. Essa prática cultural faz parte dos saberes históricos populares muito comuns na Amazônia, constituindo-se em saberes tradicionais transmitidos de geração em geração. Dentre outras finalidades, acredita-se que esses “banhos de cheiro” são usados para afastar os males do corpo, os maus agouros, atrair boas energias e até mesmo curar pessoas que estejam com alguma enfermidade leve, como resfriados, gripes, dores de cabeça e outras (Observação *in loco*, Nota de Campo, 2018).

Entre essas ervas está o plantio da priprioica (*Cyperus articulatus*) e da pataqueira (*Schizolobium parahyba*), plantas nativas que crescem em áreas de solos alagados da Amazônia. Sabendo do potencial mercadológico das ervas aromáticas, o grupo multinacional de cosméticos Natura⁶, com uma de suas filiais no município de Benevides, cerca de 30km distante de Belém, através de um representante, deslocou-se à comunidade de Boa Vista do Acará com a finalidade de formar um grupo local de famílias produtoras e fornecedoras em grande quantidade dessas ervas.

⁶ A Natura Cosméticos S. A. “[...] é uma empresa brasileira fundada em 1969 que atua no setor de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, oferecendo 10 categorias de produtos, dentre os quais: sabonetes, xampus, desodorantes, perfumes, protetores solares etc. A empresa tem operações próprias na Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e França” (CARVALHO; BARBIERI, 2013, p. 241-242). A empresa tem seu discurso ancorado no desenvolvimento sustentável, o qual garante ideologicamente as relações comerciais que são estabelecidas no plano da reprodução ampliada do capital, a qual vem incluindo as populações amazônicas a partir de processo de apropriação de parte do seu patrimônio cultural, mormente aqueles saberes susceptíveis de inclusão no modo de produção e consumo capitalistas.

Olha, professor, foi através da venda de cheiro lá no Ver-o-Peso, nós tínhamos aqui uns produtores que vendiam direto lá no Ver-o-Peso. Num dia deu certo deles passarem por lá onde eles estavam vendendo e descobriram a priprioca, levaram pro teste, quando foi com uns tempos veio a encomenda de uma quantidade para fazer um novo teste, que era pra ver o que é que acontecia, e o resultado foi bom. Aconteceu que foi aprovado e veio a encomenda pra que fosse plantada já para toneladas, e com isso todos os anos, graças a Deus, a gente vem plantando a priprioca. Esse ano nós entregamos, se não me falha a memória, foi umas 8 toneladas, para o ano que vem nós já temos encomendada a mesma quantidade, já está plantada, e assim sucessivamente. (Entrevista realizada com Paulo da Costa Vilhena, aposentado, membro da APOBV, 78 anos de idade, morador da comunidade Boa Vista do Acará, 2018).

Após o processo de aproximação da Natura com moradores da comunidade, foram fornecidas assessorias técnica e administrativa para a criação e legalização da Associação de Produtores Orgânicos de Boa Vista (APOBV), inclusive com a patente garantida das ervas produzidas localmente. De fato, a criação da associação foi condição indispensável para garantir segurança jurídica às relações comerciais da empresa com os ribeirinhos, estes deveriam produzir as ervas em larga escala e fornecê-las à Natura quase que exclusivamente.

A Natura descobriu a pataqueira e a priprioca no Ver-o-Peso bem antes da fundação da associação, então quando ela descobriu através das pessoas que vendiam daqui pra lá, eram umas duas ou três pessoas que vendiam, ela procurou alguém lá e perguntou se essas pessoas não se interessavam em trazer alguém da Natura pra ir conversar aqui na comunidade. Como nós tínhamos um grupo aqui de trabalho na comunidade, era a “união faz a força” e nós trabalhávamos de mutirão, era duas vezes na semana pra cada uma família, nós éramos 10 famílias, aí trouxeram pra dentro do grupo a “união faz a força”, e daí houve a necessidade de criar a associação, isso no ano de 2000. Quando foi no ano de 2002 ela já estava toda organizada, e aí pronto, organizou a associação com documentos com tudo que tem direito, com diretoria... E assim foi a fundação da associação com a colaboração da Natura.

[...] depois de um determinado tempo que a Natura ela conseguiu uma quantidade de óleo aqui que dava para eles trabalharem por uma certa temporada, eles liberaram aqui pra que a gente conseguisse arrumar venda com uma outra pessoa independentemente da quantidade que fosse encomendada pela Natura. No caso, a Natura encomendaria uma quantia, vamos supor que a Natura encomendasse 10 toneladas, a gente plantaria 12, a gente ia vender 2 toneladas por fora. A gente mandava o que eles queriam e se sobrasse “nós vendia” pra outros, mas isso eu acho que era muito raro de acontecer. (Entrevista realizada com Paulo da Costa Vilhena, 2018).

Para que houvesse o desenvolvimento do sistema de cultivo vegetal das ervas e se alargasse a quantidade da produção tradicional local, foi necessário promover momentos de capacitação técnica de novos sistemas de produção em larga escala da priprioca e pataqueira. Assim, as famílias associadas passaram a promover um plantio utilizando sistemas de cultivo

de baixo custo, com novo sistema de irrigação, canteiros, manejo do solo, revisão dos equipamentos de trabalho, aproveitamento das chuvas e das temperaturas mais agradáveis no período de inverno amazônico para as plantas, minimizando assim a possibilidade de surgir diferenças no cheiro e na composição química das ervas.

[...] o apoio técnico pra plantação foi dado, sim, por meio da Natura e também pra construção do prédio da associação. Nós tínhamos um direito devido à patente que pertence à associação dos plantadores de priprioica de Boa Vista, [...]. Mas, na época, foi “investido uma” certa quantia, com o projeto, foi através de projeto que foi “construído essa” sede que o senhor teve a oportunidade de ir lá [...]. (Entrevista realizada com Paulo da Costa Vilhena, 2018).

Nas figuras 20, 21, 22 e 23, a seguir, podem-se observar imagens demonstrativas da fachada da Associação de Produtores Orgânicos de Boa Vista, do cultivo da pataqueira e da priprioica, que são produzidas em escala comercial para satisfazer as necessidades produtivas e comerciais da empresa Natura.

Figuras 20, 21, 22 e 23 – Imagens demonstrativas da fachada da APOBV e do cultivo da pataqueira e da priprioica



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Finalmente, vale ressaltar que existe na comunidade certo volume de dinheiro advindo de setores diferenciados do poder público nos níveis federal, estadual e municipal, dinheiro este que ajuda sobremaneira no processo de manutenção e reprodução da vida local. Precisamente, há famílias que recebem valores monetários a partir das políticas públicas de renda mínima do governo federal, salários de funcionários contratados ou concursados ligados à saúde e à educação, rendimentos com aposentadorias de pessoas idosas e outros. Todos esses rendimentos se somam ao processo de produção e reprodução simples do modo de produção e consumo das famílias ribeirinhas da comunidade Boa Vista do Acará.

8 Considerações finais

Quando se discute a realidade existencial de dada coletividade humana, a produção (material e simbólica) e a reprodução das condições de produção são essenciais para se entender o seu funcionamento. Não há condição de permanência no tempo e no espaço se os componentes dessa coletividade não forem capazes de reproduzir, de maneira permanente e continuada, as suas condições de produção ao mesmo tempo em que produzem.

Este texto expôs e descreveu analiticamente aspectos da vida cotidiana de uma comunidade ribeirinha próxima à cidade de Belém, buscando focar a maneira como ela produz e ao mesmo tempo reproduz as condições de produção da sua vida material. Nela foram observadas as atividades de feitura da farinha, do tucupi, da tapioca, croeira e outros produtos da cadeia produtiva da mandioca. Nesse contexto, evidenciou-se que a comunidade em análise desenvolve um processo de produção e reprodução simples, de acordo com a abordagem adotada nesse trabalho.

Foram também observados os quintais com suas árvores frutíferas, pequenos animais e ervas medicinais, bem como o plantio da priprioica e pataqueira, produzido em larga escala para atender às necessidades mercadológicas da empresa Natura S.A., que se apropriou dos saberes e práticas ribeirinhos, transformando-os em insumos na produção de perfumes e cosméticos para serem vendidos em mercados nacionais e internacionais. Além desses aspectos, ainda foram colocados o potencial turístico da área e a culinária local como elementos que compõem o processo de produção e reprodução da vida local.

Considerando os pontos abordados nesse trabalho, conclui-se que a realidade das famílias ribeirinhas locais se caracteriza pela multiplicidade de atividades laborais. De fato, os moradores dessa comunidade apresentam formas laborais diversas, mas a fazem dentro do modelo de produção e reprodução simples, ou seja, trabalham e compram bens para autoconsumo, não utilizando excedentes para acúmulo ou formação de riqueza para gerar

mais excedentes e mais renda. Toda receita das famílias nessa comunidade serve “[...] apenas como fundo de consumo ou é gasta com a mesma periodicidade com que é obtida” (MARX; ENGELS, 2013, p. 782).

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARVALHO, André Pereira de; BARBIERI, José Carlos. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 10, nº 1, p. 232-256, Jan./Mar. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rai/article/view/79310/83381>>. Acesso em: 6 out. 2018.

COSTA, Francisco de Assis. Racionalidade camponesa e sustentabilidade. In: **Papers do NAEA**, nº 29, p. 1-35, nov. 1994. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4_Ax4pO4FnsJ:www.naea.ufpa.br/naea/novosite/index.php%3Faction%3DPublicacao.arquivo%26id%3D93+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 14 nov. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. (Tradução e introdução de Florestan Fernandes). 2ª. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital (tradução de Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.

OLIVEIRA NETO, Adolfo da Costa; RODRIGUES, D. O lugar de estar sendo dos sujeitos amazônidas rurais-ribeirinhos. In: OLIVEIRA, Ivanilde (org.). **Cartografias ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. 2 ed., Belém, EDUEPA, 200, p. 26-32.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed., Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000, p. 17-35.

ROSA, Leonilde dos Santos *at al.* Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, nº 2, p. 337- 341, 2007.

SILVA, José Bittencourt da; SANTOS, Jenijunio dos; SOUZA, Nazaré Serrat Diniz de. Escola básica e comunidades ribeirinhas em Belém, Estado do Pará: Problemas e Perspectivas. In: **KLA Working Paper**, n. 18, 2016, Kompetenznetz Lateinamerika – Ethnicity, Citizenship, Belonging. Disponível em: <https://kompetenzla.uni-koeln.de/sites/fileadmin2/WP_Bittencourt.pdf>.